



**Poder Judiciário do Maranhão
Tribunal de Justiça**

CLIPPING IMPRESSO

14/12/2015

INDICE

1. JORNAL PEQUENO	
1.1. ASSESSORIA.....	1 - 3



Negligência

O Brasil continua negligenciando na questão da educação, ocupando posição vexatória nos indicadores internacionais, com um ensino público e privado muito ruins, mantendo-se cada vez mais próximo dos piores exemplos do mundo em ensino – Turquia, Tailândia, Indonésia, Iêmem –, distanciando-se das melhores experiências na área: Canadá, Finlândia, Japão e Coréia do Sul.

Isso acontece porque as políticas pedagógicas que norteiam a educação no País são equivocadas, em decorrência da falta de compromisso dos nossos governantes, que não se sentem responsáveis pela má qualidade do ensino, cujo efeito maléfico contribui para a proliferação da violência e desrespeito às normas de civilidade.

Os governantes brasileiros não assimilaram o sucesso de países como o Japão e Coréia do Sul, que fizeram grandes investimentos na educação e hoje colhem bons frutos com iniciativas exitosas para elevar a qualidade do ensino.

As causas e efeitos da péssima qualidade do ensino no país são conhecidos, mas as autoridades preferem esconder a raiz do problema com justificativas banais e medidas exóticas, camuflando a gravidade do problema.

Não são adotadas políticas públicas para mudar o quadro caótico do ensino no país, embora exista o Ministério da Educação (MEC), com representação em todas as unidades da federação, e uma infinidade de secretarias estaduais e municipais de Educação.

O MEC, diga-se de passagem, não cumpre corretamente o seu papel ao não divulgar, de forma ampla e com transparência, as escolas que oferecem ensino de péssima qualidade, como se os pais de alunos não tivessem o direito de saber o nível da instituição que seu filho frequenta ou vai frequentar.

A informação – que é de grande importância para o aluno e para sua família – está “escondida” no site do Ministério, que faz um trabalho de blindagem vergonhoso, protegendo escolas que não têm qualquer compromisso com a educação.

Nunca chega ao conhecimento do público os resultados das inspeções e avaliações feitas nas instituições que descumprem a legislação educacional por deficiência no ensino oferecido. O MEC tem sido permissivo com educadores descompromissados e aventureiros.

A divulgação sistemática dos dados sobre o desempenho das escolas poderia colaborar para quebrar a inércia da sociedade brasileira em relação às nossas instituições de ensino.

Essa inércia – vale ressaltar – está ancorada em uma mentira: a de que as escolas brasileiras são boas e que têm nível de escolaridade semelhante aos dos Estados Unidos e de países europeus.

Como os pais de alunos são induzidos a acreditar nessa grande mentira, fica ainda mais difícil esperar uma mobilização da sociedade em prol da educação. Isso fortalece as pressões corporativistas para enterrar projetos que possam melhorar nosso nível de ensino.

Os pais de alunos, por sua vez, têm também sua parcela de culpa para que essa situação continue perdurando, uma vez que se limitam a matricular os filhos em estabelecimentos educacionais apenas com o objetivo de transferirem à escola a deseducação repassada nos lares.

Tanto é verdade que nas reuniões promovidas pelas escolas, geralmente os diretores falam e os pais dizem amém. Conveniência para ambos. Muitos pais se limitam a olhar a caderneta e os registros de presença dos filhos. Sem a cobrança da sociedade, nem o professor, nem o pedagogo, nem o diretor e tampouco os pais podem ter uma referência do nível de aprendizado do aluno. A falta de parâmetros contribui para que nosso ensino permaneça medíocre e sem perspectiva de qualquer avanço.

Aproveitamento

Estudo do Banco Mundial mostra que apenas 66% do tempo de sala de aula no Brasil é gasto efetivamente com o ensino. Outros 34% são desperdiçados com atividades burocráticas, como chamada, a cópia de deveres de casa ou pedindo disciplina. A cota de “desperdício” em países como Canadá e Japão é de apenas 15%. Usar sabiamente o tempo em sala de aula é uma das mais baratas e eficientes maneiras de melhorar a educação no Brasil.

Ensino

Do estado periclitante da educação brasileira, nenhum é tão ruim quanto do Ensino Médio. Entre as notas do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), a do ensino médio é a mais baixa. Parte das pessoas culpa o número de disciplinas ensinadas aos estudantes. Outro grupo critica a maneira enciclopédica, que tenta ser passada de maneira mais profunda que o necessário.

Desempenho

Embora haja exemplos pontuais de professores que conseguiram arrancar um bom desempenho de crianças e jovens em escolas em

péssimas condições, é unânime entre educadores, apoiados em pesquisas, que uma infraestrutura adequada, com lousas e giz (ou caneta), instalações cuidadas e carteiras, sem falta de materiais necessários ao aprendizado, acarretam em melhor resultados dos alunos. Acabar com a desigualdade entre escolas públicas bem cuidadas e outras caindo aos pedaços, com falta de materiais, é dar oportunidades equânimes aos brasileiros de todas as regiões.

Magistério

Uma pesquisa da Fundação Victor Civita constatou que a carreira de professor costuma ser hoje mais procurada por estudantes da rede pública, muitas vezes vindos de um panorama menos favorecido em termos escolares, culturais e financeiros. É uma diferença brutal para países como Finlândia e Coreia do Sul, onde os melhores alunos querem ser professores, até mesmo do ensino básico. No Brasil, somente os docentes de nível superior parecem manter algum prestígio na carreira. Fazer a educação brasileira se equiparar a destes países necessariamente passará por tornar a docência do ensino fundamental e médio mais respeitada e valorizada no país.